

Os seriados na contemporaneidade: novas formas de manifestações adolescentes*

LUÍSA STEIGER PIRES DE OLIVEIRA**

“As diversas formas de arte enriquecem nossa visão da vida”.
Luiz Carlos Prado

RESUMO: Neste trabalho foi vista a necessidade e importância de se atentar às novas formas de manifestações psíquicas que acompanham a cultura vigente. À luz da psicanálise, foi possível estudar como o uso das mídias, especificamente aqui, dos seriados, se faz cada vez mais presente na clínica atual de crianças e adolescentes, como instrumento de manifestação de sentimentos e conflitos inconscientes. Como forma de exemplificar tal situação contemporânea, ilustra-se um caso clínico de uma adolescente inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Seriados. Adolescência. Psicanálise.

The tv series in the contemporary world: new ways of adolescents expressions

ABSTRACT: In this paper, it was seen the need and importance to pay attention to the new psychic manifestations that follow the present culture. According to psychoanalysis, it was possible to study how media, specifically the series, become increasingly present in the current children and adolescents clinic as an instrument to manifest unconscious feelings and conflicts. In order to exemplify such a contemporary situation, a clinical case of an initial adolescent is illustrated.

KEYWORDS: Series. Adolescence. Psychoanalysis.

A sociedade contemporânea, na qual estamos vivendo, está em constante transformação. Imediatismo, rapidez, trocas, consumo exagerado e instabilidade são algumas palavras que nos rodeiam cotidianamente. Freud acreditava que a cultura era o alicerce da construção da sua teoria e que éramos (e ainda somos), portanto, significativamente influenciadores e influenciados por ela (Tonetto, 2017).

Tem sido notado que a atual produção cultural e as novas tecnologias têm mudado o dia a dia dos sujeitos, principalmente a sua forma de consumo. As

* Adaptação do trabalho apresentado na Jornada Interna do CEAPIA/2017, orientado por Alice Bugin.

** Psicóloga, aluna do terceiro ano do curso de especialização do CEAPIA.

mudanças midiáticas acompanham a cultura vigente e essa mudança nunca é impensada, ela ocorre de maneira a suprir necessidades, que até certo ponto, vão sendo construídas ao longo dos anos (Santos, 2016).

Partindo do suposto que elementos do meio externo se ligam com representações inconscientes, o que das séries, da televisão, da mídia como um todo, tem-se ligado com as representações dos nossos pacientes? O que faz com que cada um tenha uma visão única a respeito de cada episódio e acontecimento? Na clínica atual, a forma de entendimento não pode se basear somente na compreensão do conteúdo verbal, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes. Como, então, entender manifestações provenientes de diferentes meios midiáticos contemporâneos?

Nesse sentido, nós terapeutas, somos constantemente exigidos mentalmente no sentido de buscar teorias que possibilitem a compreensão de funcionamentos em constante evolução e transformação. A psicanálise aliada à criatividade pode ser de grande auxílio para lidar e desvendar a subjetividade de cada um no envolvimento com o desconhecido, com o novo, o diferente, nesse caso, as novas tecnologias. Cabe também a nós, profissionais, emprestar nosso aparelho psíquico de forma a oferecer novas possibilidades de vivenciar uma (nova, desconhecida, diferente) experiência emocional junto ao paciente. Em meio a esse ritmo caótico, a psicanálise ocupa e propicia local privilegiado de valorização de subjetividades (Genovese, 2007; Carli, 2013).

A psicanálise, o inconsciente e formas de comunicação

Na sua compreensão Freudiana, Garcia-Roza (1936/2009) comenta que o inconsciente não pode ser considerado meramente uma consciência que não aparece, ou como algo ilógico, profundo demais; ao contrário, é um sistema psíquico que se contrapõe a outro, seus conteúdos não são diferentes, o que os difere são seus modos de operar. Para encontrá-lo, é necessário que se atente às lacunas das manifestações da consciência: os sonhos, os atos falhos, os sintomas etc.

O inconsciente é construído por imagens, por representações psíquicas, pulsões e se mostra atemporal. A linguagem, aquisição que permite o acesso ao simbólico, é instrumento da consciência e pré-consciência. Pode-se diferir então, entre os dois sistemas, diferentes formas de representação: de coisas e de palavras. O simbólico, nesse sentido, é considerado um mediador da realidade, visto que tem “acesso” a ambos sistemas, constituindo o sujeito conforme suas representações (Garcia-Roza, 1936/2009).

Em relação aos processos primário e secundário, Hauser (1994) afirma que não é somente o secundário, equivalente ao princípio da realidade, que guia nossa vida, pois, no nosso inconsciente, operam forças que foram consideradas inconvenientes e, por isso, pressionadas a ficarem reprimidas lá. Estas, porém,

arranjam formas de se manifestar, como bem citou Garcia-Roza (1936/2009): sonhos, atos falhos, sintomas.

Ou seja, manifestações que, na maioria das vezes, ou não lembraremos, ou não nos daremos conta. Tonetto (2017) comenta que outra saída possível para a pulsão que demanda e pressiona é através das manifestações artísticas.

Persicano (2002) parte da premissa de que a criação está por toda parte: na fantasia, nos sonhos, nos delírios, no brincar, no ato artístico. Em todos os momentos da vida, o sujeito pode criar. Comprovação disso são as imagens antigas, rupestres, de mais de 45 mil anos atrás, concomitantes com o surgimento do *homo sapiens*, que servem como representantes simbólicas de um inconsciente. A arte seria, portanto, um meio de expressão da criatividade humana; é tarefa do artista criar uma nova realidade, com características próprias, mas que suscitem algo no outro (Persicano, 2002; Hauser, 1994). Guerra (2013), de forma sensível, comenta sobre como lhe impacta a atividade de artistas e/ou poetas de condensar núcleos significantes da experiência humana em traços, pinturas, estrofes ou imagens.

Interligando a psicanálise, os seriados e a adolescência

A identidade de alguém é formada antes mesmo do nascimento, através do narcisismo e do imaginário dos pais. A vinculação dos pais com o bebê se dá, primordialmente, através do olhar, que é suporte do desejo do outro (Bleichman, 1994; Carli, 2011; Bartucci, 2011). A comunicação entre a mãe e o bebê é uma co-criação, uma via de mão dupla, onde mãe e bebê participam e seus encontros são sempre criativos (Silva e Peixoto, 2017; Guerra, 2017). O seio, o dedo, o bico, a mamadeira, serão sempre substitutos de algo fundamentalmente muito mais importante, primitivo e de uma consistência inapreensível: o olhar da mãe (Bartucci, 2011).

Os posteriores processos de identificação e desidentificação são intermináveis e inerentes ao processo de constituição e subjetivação do indivíduo. Dessa forma, somos constantemente provocados e desacomodados quando tentamos entender a mente humana. Nessa busca incessante, como parte também de um exercício de sensibilização, é nosso dever, enquanto psicoterapeutas, utilizar todas as manifestações que estão ao nosso alcance e que nos permitam compreender melhor o processo primário: livros, teatro, filmes, etc. (Carli, 2011).

A psicanálise, por ser uma ciência bastante relacionada com a cultura, é capaz de proporcionar uma ampliação do entendimento dos fenômenos culturais e sociais. Estes últimos interagem de forma intensa com a psique através das particularidades da sociedade contemporânea (Carli, 2013). Rosenfeld (1999) acredita que a psicanálise se mescla com a arte, desde a sua origem, visto que ambas estão vinculadas a questões da época em tela.

Kreitler & Kreitler (1987) acreditam que artistas fariam uso da sublimação

a fim de exprimir seus desejos reprimidos e questionam: como essa satisfação sublimada ofereceria algum tipo de gratificação também a quem olha? Na tentativa de resposta, argumentam que em um ambiente “fictício”, tal satisfação reprimida pareceria permissiva, não sentida como uma ameaça. Isto é, através de mecanismos de projeção e identificação do observador, este satisfaria seus desejos e necessidades, atribuindo ao outro os (seus) sentimentos de rechaço, culpa, medo, constrangimento.

Em relação aos significados simbólicos, os autores afirmam que é de uma multiplicidade infinita, podendo ser sugerido pela imagem e/ou incorporado por ela. Essa multiplicidade definirá a atração e interesse de um mesmo espectador em inúmeras ocasiões ou para vários espectadores em diferentes momentos e culturas. Isso é maior ainda em uma imagem do que em algo escrito, visto que as imagens viabilizam maiores possibilidades de interpretação e elaboração, além de conseguirem acessar conteúdos mais primitivos, sensoriais e imaginativos que não são tão processados em uma linguagem formal (Kreitler & Kreitler, 1987).

Knijnik (2017) afirma que, apesar dos progressos tecnológicos atuais, a mensagem que se quer passar através da arte não se altera: ela emociona, pois comunica. Bion, em sua teoria, usa a palavra ‘invariante’ para determinar que, por maior e mais intensas que sejam algumas transformações, sempre restarão vestígios originais imutáveis. Cabe, portanto, ao psicoterapeuta, ir em busca das invariantes de sentimentos, ansiedades e fantasias dos seus pacientes, as quais irão aparecer camufladas em meio a diferentes narrativas e contextos (Bianchedi, Sor e Grinberg, 1973; Zimmerman, 2008).

Mídia e sociedade contemporâneas

De acordo com Laskoski et al. (2013), há grandes discussões sobre como nomear a sociedade na qual estamos vivendo em virtude das grandes transformações de valores, do consumo exagerado, da globalização e informatização aceleradas, além das questões do capitalismo. É a partir disso que surge o termo “hipermodernidade” do francês Gilles Lipovetsky, o qual refere que todos perderam as referências e estão, portanto, desorientados e angustiados frente à imensa liberdade que lhes foi dada.

Historicamente, Strasburger (1999) pontua que os meios de comunicação sempre foram alvo de crítica e considerados uma ameaça potencial à sociedade. Conforme a época, os meios mudavam, sendo reflexos da sociedade vigente: livros, rádios e mais recentemente a televisão. Ele questiona se essa mudança seria realmente uma ameaça ou um meio de distração e passatempo para quem se encontra na adolescência, fase que sofre significativas interferências conforme o ambiente em que se desenvolve (Outeiral, 1994/2003).

Em concordância, Genovese (2007) aponta que a dinâmica do adolescente é a mesma no passado, no presente e no futuro – o que se modifica conforme a

cultura vigente são as maneiras com que os conflitos são manifestados. A mudança atual diz respeito ao ritmo: significativamente acelerado. Em contraste com esse ritmo, é necessário que se possa parar e pensar sobre todas essas transformações; os avanços e as conquistas tecnológicas, porém, tornam tal tarefa bastante complexa.

Na tentativa de refletir sobre tal fenômeno, os autores fazem diversas indagações: a serviço de que está a virtualidade das relações atuais? Por que o olhar através de telas instiga tanta emoção? Por que passamos horas, de lazer e trabalho, “navegando” nesse mundo? No seu esforço em responder, os autores voltam para seu argumento inicial de que tais questionamentos não são novos, são somente adaptados à cultura contemporânea. Deve-se atentar que, em cada época, se apresentou “algo” que viralizou e despertou a atenção de forma ameaçadora na população, da mesma forma que está acontecendo com os seriados mais recentemente (Genovese, 2007; Strasburger, 1999).

Em seu artigo, Fischer (2002) questiona sobre o modo pelo qual a mídia opera, especialmente a televisão, de modo a participar, como pontua Oliveira (2015), como novo integrante, bastante ativo, da família brasileira nos últimos anos. Ambas acrescentam que temos vivido em uma sociedade imagética, a qual não somente está a serviço do entretenimento, mas também e principalmente, como disseminação de opiniões, saberes, sentidos e concepções, participando de forma efetiva na constituição de sujeitos e subjetividades.

Fischer (2002) acredita que a televisão capta os (tele)espectadores no seu íntimo, tornando bastante fácil uma conexão e um reconhecimento entre ele e os personagens criados. De forma a intensificar tal processo, efeitos variados são aplicados (zoom, cortes, captação de imagens específicas etc.) de maneira a despertar variados sentimentos e afetos naquele que assiste, que olha. De forma parecida com outros autores citados, indaga como os espectadores se sentem, de certa forma, representados e identificados com os personagens televisivos.

Sousa, Sakuma e Gobbi (2015) abordam os motivos pelos quais os adolescentes se encantam com as mídias atuais e suas possibilidades, afirmando não ser só por uma questão de status social, mas principalmente por modos de comunicação. Como exemplo, em seu estudo sobre *teen dramas*, Coutinho (2016) comenta que um tema destaque neste tipo de seriado é o afastamento do adolescente do resto da família, sendo isso fruto de uma incompreensão de ambas as gerações, e também considerado um sentimento invariante da adolescência.

Compreensão de um caso clínico

Tip* é uma menina de 11 anos, tímida, mas com capacidade para se expressar. Possui algumas poucas amigas e relata que tem muita dificuldade de interagir com pessoas diferentes, fazer novos amigos. Ela vem a tratamento por motivação própria, queixando-se da pouca atenção que recebe, pois esta

iria toda para o seu irmão, o qual possui uma doença crônica. De acordo com os pais, o irmão teria sempre recebido maior atenção e cuidados, por ter sido uma criança “bastante doente” (sic mãe). A mãe acredita que isso prejudicou a filha, a qual teve que amadurecer de forma mais rápida e presenciar conflitos do/ com o irmão. A menina, por mais saudável e “de pé” que possa se manter em meio a esse funcionamento atrapalhado, cometeu um ato auto lesivo, cortando seus braços “para chamar a minha atenção” (sic mãe), fator decisivo para a mãe trazer a filha para tratamento.

Já nos primeiros atendimentos Tip mostrou para o que veio: mesmo ficando mais retraída, ela fez questão de participar desde os primeiros encontros com os pais – o que é incomum de acontecer nesta faixa etária e me surpreendeu. Sua narrativa era acelerada e bastante diversa, mas ao mesmo tempo introvertida. Também, ela demonstrava uma agitação psicomotora com alguns movimentos estereotipados e ansiedade bastante significativas. Seus conflitos, porém, não eram facilmente verbalizados. Era como se seus afetos saíssem pela sua linguagem corporal. Tip encontrou, nas mídias contemporâneas, formas de me contar o seu funcionamento, seus afetos, ansiedades, desejos, pensamentos, opiniões. Dentro da sessão, ficamos nós duas e os seriados.

Um tratamento por séries:

***POR QUE TIP?**

Tip é uma personagem do filme “Cada um na sua casa”, o qual fala sobre um alienígena invadindo a Terra em busca de um novo lar. Tip é uma adolescente que se muda com sua mãe de Barbados para os Estados Unidos. Na sua personalidade, Tip é inteligente, determinada, independente, corajosa e se diz *nerd*. Além disso, ela se veste com roupas confortáveis e ainda exibe um belíssimo cabelo crespo natural, que ela faz questão de usar solto e arrumar com penteados diferentes. É também uma garota que se sente excluída, reclamando sobre como é difícil fazer amizades com outras garotas na escola. Embora Tip nunca se aprofunde em sua história, a animação deixa claro que ela se sente sozinha e que sente muita falta de sua mãe.

TIP E HANNAH BAKER

A série “Thirteen Reasons Why” é narrada por Clay Jensen, um menino que ao voltar um dia da escola, encontra na porta de sua casa um pacote com seu nome. Dentro, ele descobre várias fitas cassetes. O garoto ouve as gravações e se dá conta de que elas foram feitas por Hannah Baker, uma garota que cometeu suicídio duas semanas antes. Nas fitas, Hannah explica que existem treze motivos que a levaram à decisão de se matar. Clay é um desses motivos e precisa ouvir tudo até o fim para descobrir como contribuiu para esse trágico acontecimento.

Tip encontrou nessa série uma maneira de me falar sobre a sua solidão e etapa de vida que está vivendo. "...O Clay foi muito burro de não ter dito pra Hanna que gostava dela! Mas é que ele nem sabia que gostava dela.. daí agora ele fica revivendo as coisas com ela... fica vendo ela... Teve aquele outro também que foi muito babaca, que não deu atenção pra Hanna também, olhou a cartinha que ela bolou um plano pra ele olhar e ele nem deu bola! Daí ela foi lá e falou com ele no meio de todo mundo! Acho que ela exagerou nessa..

Terapeuta: Ah sim.. ela vai lá e fala no meio do corredor né? Paciente: É! A Hanna fala sobre vários tipos de solidão!

T: O que ela fala?

P: Ah... sei lá, ela fala que não é ficar sozinha, sozinha, mas se sentir assim... mesmo quando tem um monte de gente em volta! E é verdade!!

T: Hmmm, entendi. Sabe que isso me lembrou situações onde tu tava cheia de gente em volta, mas te sentindo sozinha.. É parecido?

P: É, sei lá... tipo isso...

T: E tu acha que a Hanna resolveu os problemas dela?

P: Não! Ela foi muito burra! Daí ela não aproveitou nada... nem ficou com o Clay!

Nesta, e em todas as sessões, o "sei lá", acompanhado de agitação psicomotora, é seu discurso mais comum, compreendido por mim como uma defesa para não entrar tanto em contato, não pensar sobre as coisas – tal como fez quando se cortou. Através dessa série, porém, ela me conta sobre como é se sentir sozinha e me deixa pensando e tentando compreender a solidão dela. Em outras sessões, ela retoma a mesma série.

Tip chega ansiosa me contando que terminou de ver os 13 porquês.

P: Sério! Essa série é demais! No começo eu achei que não tinha como ter uma segunda temporada, mas agora precisa ter, ainda tem muita coisa para acontecer!!

T: Aé? O que tu acha que ainda tem pra acontecer?

P: É que muitas coisas ruins acontecem com a Hanna, daí que ela tenta se matar!

T: E tu acha que foi a solução?

P: Não! Mas a Hanna foi buscar ajuda, ela deu uma segunda chance pra vida indo falar com o orientador e ele não ajudou ela!

Compreendo, e me sinto "avisada" nessa sessão, sobre o seu pedido de ajuda. A série também me toca e isso fica dentro da nossa relação terapêutica. Me percebo como ela: preocupada e ansiosa. Ainda, há uma "segunda temporada" à vista, talvez uma esperança de que as coisas possam ser diferentes.

O (não) controle de Tip

O filme X-Men foi abordado também por Tip durante as sessões. Este filme é sobre mutantes que são dotados de um fator X em sua carga genética. Cada um desenvolve um tipo diferente de poder e muitas vezes precisam aprender a

controlá-lo, pois só se manifesta na adolescência ou mesmo quando se tornam adultos. Os mutantes sofrem um grande preconceito, pois os humanos em geral não entendem os poderes deles e temem que, por serem superiores às pessoas comuns, irão perseguir a raça humana. Alguns mutantes, os X-Men, são liderados pelo Professor Xavier, um telepata, e pretendem vencer o preconceito por meios pacíficos, convencendo o público de que humanos e mutantes podem conviver em paz. No entanto a Irmandade dos Mutantes, comandada pelo temível Magneto, que pode alterar e modificar a estrutura dos metais, declarou guerra aos humanos, pois está cansado de tanta perseguição e humilhação.

Tip fala sobre assistir desenhos infantis e “de pessoas”; preferindo os de super heróis.

T: Qual tu mais gosta?

P: Ah sei lá, eu gosto de vários.. tem aquele que controla as coisas, que controla com a mente.. que mata pessoas só com a mente!!

T: Tem um que fica numa cadeira de rodas, o prof. Charles Xavier e tem o Magneto (um do bem e outro do mal)

P: É, esses dois aí!!

T: E que poderes tu gostaria de ter?

P: Esse de controlar a mente, mas seria um perigo... as pessoas dependerem da minha mente...

T: Aé?

P: Ia todo mundo ficar de pijama comendo pipoca.. sei lá! Ia ter uma máquina de fazer chocolate pra quando estivesse com fome, uma de voar, gosto de passarinhos, eles podem ficar entediados e saírem voando por aí! Pombas são inúteis, tem asas e não voam! E também uma máquina de fazer clones, que daí teria um meu pra ir pra aula, outro pra ficar em casa e eu ficaria dormindo.

Entendo que Tip tenta fazer com que as suas partes agressivas fiquem dissociadas de si para que ela não precise pensar nem sentir nada. Ainda, percebo um desejo onipotente de controlar as coisas com a sua mente, mas também muito medo e culpa do que poderia acontecer. Nessa tentativa de esconder toda essa agressividade, a paciente se mostra agitada, inquieta e ansiosa, pois tudo isso escapa do seu controle. Quando lhe devolvo alguns desses meus pensamentos e também me mostro continente de toda essa “série” de afetos, Tip me devolve o quão importante e estruturante é esse olhar terapêutico.

P: Sabe que tu é uma das únicas pessoas que me olha nos olhos sempre, quando eu falo...

Tento imaginar a quantidade de coisas que “pipocam” na cabeça dela. Acredito que seja pela fase vivida, pelas confusões familiares, mas também pela sua negação, evitação do pensar. Seus assuntos são inúmeros, incontáveis: fico atualizada com milhões de notícias e seriados, mas nada é aprofundado, pensado. Ela refere querer “saber mais, sobre tudo” (sic), mas isso parece não se aplicar a si própria. Ela me comunica uma vontade de conhecimento, atrapalhada pelo seu funcionamento.

No decorrer das outras sessões, foi perceptível a sua maior conexão com seus afetos, podendo se expressar sem fazer tanto uso das mídias. Que fique claro que o objetivo terapêutico não era “escantear” as mídias, e sim compreender como Tip as usa e lhe devolver, no tempo que ela consiga digerir e entender, para um amadurecimento emocional.

Considerações finais

Em novos mundos e novas formas de “consumo”, precisamos de novas atitudes. Atualmente, na cultura “hiper” que estamos vivendo, Tip me mostra que é preciso, cada vez mais, ficarmos atentos a diferentes formas de manifestações psíquicas. A mídia, e aqui especialmente os seriados, se mostram um meio de comunicação entre terapeuta e paciente. Cada seriado nos levou, como dupla, para uma dimensão da sua vida. É como se, pela dificuldade de verbalizar, ela me mostrasse, por imagens, como se sente frente a cada situação. A partir disso, pudemos co-construir a sua história, tornando viável uma conexão entre seus afetos e pensamentos. Sendo assim, a psicanálise mostra-se como grande aliada nesse processo de desvendar e compreender nossos pacientes.

Referências

- Bartucci, G. (2002). O divã na tv: entre os reality shows e a teledramaturgia. (Cap. Introdução pp. 17-27) In.: *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bianchedi, E.; Sor, D.; Grinberg, L. (1973). *Introdução às ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carli, C. G. (2011). *Alice no país das maravilhas: o mundo subterrâneo das desidentificações em busca da própria identidade*. Porto Alegre: Publicação do Ceapi, n.20.
- Carli, C. G. (2013). *Brinquedo cultura e psicanálise*. Porto Alegre: Publicação Ceapia n.22.
- Coutinho, L. L. (2016). *A vida adolescente levada a sério: identidade teen e cultura das séries*. Rio Grande do Sul. 276 p.
- Fischer, R. M. B (2002). O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. São Paulo: *Educação e Pesquisa*. V.28, n1, p.151-162.
- Garcia-Roza, L. A. (1936/2009). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Genovese, A., F. (2007). *Adolescência no espaço virtual*. Porto Alegre: Publicação Ceapia, n.16.
- Guerra, V. (2013). Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v.2-, n.3, p.583-604.
- Guerra, V. (2017). *O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana*. Porto Alegre: Publicação Ceapia, n.26.

- Hauser, A. (1994). A linguagem plástica do inconsciente. São Paulo: Editora Ática.
- Knijnik, J. (2017) A transformação do sonho em arte: comentário. Anais do Simpósio Interno Ontegrado - AC/ ip-sppa, v.11, p.103-105.
- Kreitler, S. & Kreitler, H. (1987). Sublimação, multiplicidade de níveis, abstração e simbolização. (2ª ed., S. Ciornai, Trad.) São Paulo. (Obra original publicada em 1987).
- Laskoski, P. B., Gastaud, M.B., Goi, J.D., Bassols, A. M. S., Machado, D., Costa, C. P. da, Torres, M., Costa, F.B.P.da, Eizirik, C. L. (2013) A hipermodernidade e a clínica psicanalítica. Revista brasileira de psicoterapia. Porto Alegre. Vol. 15, n. 2, p. 14-24.
- Lee, S. & Kirby, J. (Criadores), & Donner, L. S. (Produtora). (2000). X-Men [Filme]. Estados Unidos: 20th Century Fox. Disponível em plataformas de *streaming* (Youtube e Google Play) para compra e/ou aluguel.
- Oliveira, D.V. (2015). Desenho animado: contribuição moral e intelectual ao desenvolvimento infantil. Rio Claro.
- Outeiral, J. (1994/2013). Adolescer: Estudos Revisados sobre Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Persicano, M. L. S. (2002). Criatividade e subjetivação: do cérebro à arte na criação do humano. (Cap.8 pp. 177-199) In.: Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação. Rio de Janeiro. Imago.
- Prado, L. C. (2013). Carta a um Jovem Terapeuta Ceapiano. Porto Alegre: Publicação Ceapia, n. 22.
- Rosenfeld, H. K. (1999). Entre a psicanálise e a arte. Psicologia USP, 10(1), 347-353.
- Santos, B. M. A. (2016). Demolidor: uma análise do cotidiano e a nova forma de assistir seriado através da Netflix. 120 p.
- Silva, S. G., Peixoto, C. A. J. (2017) A Teoria da Comunicação no pensamento clínico de Donald W. Winnicott. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 65-83.
- Sousa, J. F., Sakuma, A. T., Gobbi, M. C. (2015). Migrantes e nativos digitais: câmbio cultural, interação e pertencimento. X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã. UNESP. FAAC. Bauru-SP.
- Strasburger, V. C. (1999). Os adolescentes e a mídia: impactos psicológicos. Artes médicas.
- Tonetto, H. C. (2017) Na trilha do inconsciente em Freud: comentário. Anais do XI simposio interno integrado. AC/ IP-SPPA, V. 11, p 73-75.
- Yorkey, B. (Criador), & Incaprera, J. (Produtor). (2017). 13 Porquês. Estados Unidos: Netflix. Disponível na plataforma de *streaming* Netflix.
- Zimerman, D. (2008). Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto alegre: Artmed.